



Galato

10 DE AGOSTO DE 1968

ANO XXV — N.º 637 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GALATO ★ FAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PAZ DE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA FAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZEANAS
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GALATO

TRIBUNA de Coimbra

A Maria de Lourdes telefonou a pedir socorro para uma grande miséria que momentos antes tinha encontrado aos Arcos. «É num vão de telhado. Uma coisa horrível. Um casal de velhinhos, ele paráltico e ela já com poucas faculdades. É uma imundície por todos os cantos. Já tentámos tudo para os internar, mas ninguém os recebe. Veja se os podem receber no «Calvário», pois ela zeladinha ainda poderá tratar do marido».

A noite, numa reunião, encontrei a Maria de Lourdes. Apontou-me para o alto da cabeça e disse: «Venho cheia de estorco até aqui. Já estão limpinhos. Foi toda a tarde mais a Delminda. Agora para lá estão aqueles desgraçados».

Eu ouvi a Maria de Lourdes. Tenho que a ouvir muitas vezes. Ela apaixonou-se pelos Pobres. Vai descobri-los às montureiras e fica a amá-los. Comunica a sua paixão ao marido e não sei qual dos dois fica mais apaixonado. A Maria de Lourdes e o Marido são ambos professores dos Liceus. Têm quatro filhos pequenos. O seu pão repartido chega sempre para os outros. O seu tempo aproveitado chega sempre para os outros.

Cont. na SEGUNDA página



MAIS UMA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DO NOVO LAR DE COIMBRA

ACUSO

Mais de trinta anos depois de Pai Américo ter dedicado a sua vida aos filhos da rua, primeiro em colónias de férias, depois nas Casas do Galato, continua actual a sua queixa repetida,

que aqui reproduzimos segundo as próprias palavras proferidas em 1954 no fecho da Festa do Coliseu: «Foi muito difícil, meus senhores. É muito difícil implantar no mundo uma coisa

nova! As situações criadas pesam muito! A rotina tem muita força! E muitas vezes confunde-se consciência com estômago — e isso então é um desastre!»

Na verdade, o valor natural da Família, Deus sagrou-o e a Pai Américo deu a intuição de alicerçar a Obra da Rua sobre este princípio: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Não era este o pensamento que estruturava as Casas de

Assistência para a Infância e Juventude. Nem sequer na Igreja era comum vivê-lo incarnadamente. Não admira, pois, a reacção que a Inércia opôs a Pai Américo, causa de tantos sofrimentos que fertilizaram tão evidentemente a Obra de Deus, que alguns julgaram sua.

«Sendo o padrão da Obra a Família, é uma Família o que ela pretende ser para os que nunca a tiveram ou a perderam.» Este é o critério segundo o qual recebemos os nossos Rapazes. Podemos enganar-nos ou sermos enganados... Mas nunca aceitamos por filho um que o não seja «de ninguém». E assim são, na verdade, quando os conhecemos, os nossos Rapazes, posto haja

Cont. na TERCEIRA página



SETUBAL

A minha vida tem sido as obras do Lar desde que amainou a faina do Campo mais dos exames dos rapazes. O Lar de Setúbal é o final de um sonho de estruturação de uma Obra sem portas que há dez anos venho acalentando numa esperança activa de o ver realizado. As obras moem. Sobretudo as obras feitas sem dinheiro e sem recursos.

Propús aos rapazes darmos tudo por tudo, durante estas férias grandes para acabarmos o nosso Lar e podermos em Outubro organizar vida. A Carpintaria atoa tudo com o barulho das máquinas. Umas serram, outras aplainam, outras furam ou rebaixam. Os rapazes sacrificam-se entusiasmados na preparação das janelas, portas e tacos. Tudo é Obra deles!

Os serralheiros fizeram as canalizações de água quente e fria mais os esgotos e todo o trabalho de ferro está a seu cargo.

Um grupo deles começou a cair e a equipa de pedreiros continua a rebocar e leva adiantado o assentamento dos azulejos nos banheiros.

Eu ando para um lado e para o outro orientando, estimulando e incitando.

Todos os Domingos deste verão quente serão passados nas praias do Sul de Portugal a falar aos portugueses nas igrejas e nos cinemas, desta Obra que é sua e precisa do seu interesse. Nós não temos férias.

x x x

O Edmundo veio práas obras dar serventia. Eu gosto imenso do Edmundo. Os rapazes puseram-lhe «O Setubalense» por ser parecido com o primeiro setubalense que aqui entrou e hoje é um homem a ganhar a vida lá fora, mas muito unido a nós. É um setubalense entre quase uma centena deles!

Ele é «ronha»! Faz a cera que pode mas quando o encontro em falso tem sempre uma saída airosa. É franco. É uma alma aberta!

A sua desdita foi o tema da minha pregação o ano passado nas praias do Algarve. Ela é a fonte primeira da minha simpatia.

Continua na SEGUNDA página

Aqui LISBOA

«Quero sair desta vida e levar vida nova», eis o argumento que nos tocou, para lá do conhecimento concreto da desgraça que atingiu a família da rapariga de 24 anos que nos bateu à porta com um filho de 5 anos pelas mãos. Temos a Casa cheia, mas não quisemos deixar de facultar dupla oportunidade, ao filho e à mãe. Se se atingir o objectivo é coisa de somenos, por ora. Há muita gente que nunca teve ensejo de se reabilitar aos olhos do mundo, após qualquer queda ou alguma fraqueza e, por isso, de abismo em abismo, vai resvalando cada vez mais. Não esquecemos a experiência do falecido Dr. Abel Varzim neste tipo de problemas e a sua mágoa por ver as pedras dos homens, tantas vezes causadores dos próprios males, atiradas às Madalenas que se lhes deparam no caminho da vida. Dar oportunidade aos nossos irmãos em perigo ou em necessidade é um acto de mera justiça; sem elas não poderemos culpar verdadeiramente e, ao fim e ao cabo, haja aí, como no Evangelho, quem acuse.

Continua na SEGUNDA página

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

Eu estava no escritório das oficinas quando uma mulher vestida de negro sobe e diz que me quer falar:

«Vinha pedir pró mê filho».

Eu disse que não. Que estava atolhado com pedidos. Que não podia mais. E disse, disse, disse... Nisto vou para lhe tirar do ombro do casaco negro um bicho que noto ser um percebejo e vejo-a coberta deles!... Era pelo lenço, pelo cabelo e pelo casaco.

Entrou-me dentro da alma uma luz. Luz filha da dor, que me deu abertura para aquela mãe. E ela desfiou o seu rosário: «Sou viúva duas vezes, fiz um corte de costelas, vivo numa barraca no Castelo Velho, tenho 4 filhos. O mais velho,

bate-me, foge à escola, rouba. Eu não faço nada dele. Vinha ver se você mo arrecebia».

A Polícia mandou nota de duas participações do Edmundo.

Eu abri as portas! O Edmundo é nosso.

Nunca tentou fugir. Foi há dias livremente prá feira com 3\$50 na mão para gastar como quisesse. À hora marcada estava como os outros. Fez a primeira classe e passou para a segunda! É servente nas obras do nosso Lar!

Tem sido o «rei» da fruta. Ele tem faro, sabe sempre onde ela começa a amadurecer. Há dias o Marques em pleno tribunal «arreou-lhe» em cheio! Eis porque eu gosto muito do Edmundo.

Padre Acllio

Con. da PRIMEIRA página

Voltando à linha da narração, vem-nos à mente a história da rapariga em causa, que com cinco ou seis irmãos se viu orfã de mãe com tenra idade. O pai, bêbado incorrigível e incapaz de prover ao sustento da família, viu sair de ao pé de si todos os filhos. Um veio parar a esta Casa, após várias vicissitudes, com 8 anos de idade, e cumpre actualmente serviço militar em África. A irmã de que falamos teve guarida num asilo do Porto, com três anos de idade; aos dezasseis começou a servir e aos dezoito tinha nos braços o pequeno agora recebido aqui. Vinda para Lisboa começou a trabalhar numa fábrica e assediada pelo patrão, «homem de respeito» e com família legalmente constituída, concebe duas meninas, uma das quais morreu. Sentindo-se presa a laços que não são os da honra e que, ao fim e ao cabo o homem que visita esporadicamente não é seu marido, pretende libertar-se e por isso quer «levar vida nova», trabalhando honestamente para sustento da sua filha.

Uma história como muitas outras, em que a desgraça cai sobre criaturas indefesas, sem ca-

Agu Lisboa

pacidade nem forças para fazer frente às armadilhas do mundo; uma história igual a tantas, de um «homem de respeito» e instalado na vida, que atropelando as suas responsabilidades familiares e abusando da sua fortaleza, escraviza os mais fracos; uma história que é o pão-nosso de cada dia das pedras da rua e que nos leva a cerrar fileiras em defesa dos oprimidos e no combate à imoralidade que campeia por aí, responsável pelos muitos «casos» que nos passam pelas mãos. Como tudo seria diferente se tivéssemos como norma o que se contém nas belas palavras de Paulo VI a seguir transcritas: «No mar revolto e insidioso da sociedade presente, tenhamos como ponto de orientação Jesus Cristo, Luz do Mundo e da nossa vida».

O calor tem apertado. Todos o temos sentido. A sede tem feito as suas vítimas. Mas não só de água o verão tem earecido, também se estancou o caudal de generosidade que há-de permitir a construção da Aldeia Nova. Neste aspecto o verão tem sido realmente muito sequinho... Vamos a ver como termina.

Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

A Delminda é funcionária dos C. T. T.. É casada e tem filhos pequenos. Tem a alma da Maria de Lourdes. O marido tem a alma do António.

Elas barafustam quando batem às portas de hospitais ou casas semelhantes e lhas fecham ou não lhas podem abrir. Barafustam, mas continuam a amar.

Eu gosto muito de as ouvir. Eu quero amar o mesmo Senhor que elas e os maridos amam. Faz-me muito bem sentir que ainda há muitos que se deixam apaixonar pelo Senhor Pobre e Doente e Abandonado.

x x x

O correio trouxe hoje este bilhete: — «Mais uma colónia de 100 crianças para o mar. Todos os anos me tem ajudado a subir este calvário por amor.

Pode ajudar-me? Ou ajudar-me mais este ano?»

Eu já andava preocupado com receio que aparecesse este S. O. S. de aflição. Este ano as obras do Lar são a grande loba. Comem tudo quanto podemos arranjar.

Li o bilhete e fiquei-me encostado à porta da salinha que agora me serve também de quarto. Batem à porta. Fui abrir. Era uma Senhora nova muito modesta. Abriu a carteira e entregou-me um envelope. Agradeceu e retirou-se.

Dentro do envelope vinha um cartão a dizer: «Para ajudar a parálitica, mãe de 9 filhos, a continuar a construir a sua casa». Com o cartão vinham cinco notas de conto.

A resposta estava dada. Os meios são diferentes, mas o fim é o mesmo. O dinheiro é para circular. Chamei o Manuelzito e ele foi levar à «Pobre Mãe». O correio do norte levou também à Mãe parálitica.

Alegremo-nos todos no Senhor, pois é Ele que faz maravilhas.

Padre Horácio

AGORA

Cá vai o resto da última safada da Procissão, que, como já vai sendo costume, é constituído pelos das Casas a prestações.

Graças a Deus as últimas cartas de Pobres que se não resignam à miséria e querem resolver, com a fraterna ajuda dos que invocam o mesmo Pai que está nos Céus, o seu problema habitacional, cartas estas publicadas nos últimos artigos sob a epígrafe «Património dos Pobres», têm despertado muitas respostas. Ora é preciso saber-se que a publicação daquelas é um exemplo. Nós podíamos encher cada número do Famoso de gritos de alma semelhantes, gritos de amor à Vida e de esperança no Amor que vivifica. Por isso vamos a não nos prender somente a estes casos, que, graças a Deus, vão sendo ajudados a remediar. Mas é necessário multiplicar esforços e repeti-los até ao nosso limite de os fazermos, porque até então e até aí há Irmãos nossos à espera de resposta — da minha, da tua, da nossa resposta.

Maria Ana e Pedro mandou mais 500\$ para a Casa do Espírito Santo: «Vai muito devagarinho, mas se Deus quiser havemos de chegar ao fim.» A

«Mãe que crê em Deus» aparece três vezes com pena de «construir tão demoradamente».

«À custa de muitos sacrifícios, tantos que meu marido e eu somos funcionários públicos, conseguimos ter a nossa casinha, graças a Deus já completamente paga». — É Maria Luísa quem o diz, ao mandar 200\$ com que perfaz 8.500\$00 para a sua Casa de rendimento 100 por 1.

Helena fica na 97.ª prestação da Casa S. Francisco. A Casa Lar Cristão cresceu com os quintos 4.000\$00. «Esperamos em Maio/69, se Deus quiser, pagar 5.000\$ e totalizar assim 25 contos. Mas de pleno acordo com o expedito no Património dos Pobres do n.º 631 de O Gaiato, pode dispor das verbas que formos dando todos os anos para repartir a casa por muitas casas». Ora assim é que a gente se entende!

A Casa S. Bernardo ficou na 40.ª pedra de 500\$. Mil de M. M. — A. L.. Quinhentos angulares de Lima para a Casa F. de Carvalho.

Mais 100\$ para a Casa Seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

E esta carta:

«Quando resolvi contribuir

para uma casa do Património, pedi a Deus uma graça; que era a conversão do meu marido... Deus fez-me a vontade, converter-me, mas por doença.

Eu não queria ver o meu marido doente, mas tenho de me conformar com a vontade de Deus. Ele quer que eu sofra, faça-se a sua vontade e não a minha.

Tenho agradecido tudo a Deus.

Quero acabar de pagar a minha dívida (na minha conta são 3.500\$00 para a Casa perdoai-nos Jesus), antes que eu gaste o dinheiro que com tanto sacrifício juntel.

Peço a Deus para eu viver o resto da minha vida em paz, mesmo com o meu marido doente mas convertido.

Peço o favor de ver se a minha conta está certa; eu tenho aqui os recibos do dinheiro que enviei para aí; parece-me que não há engano.

Beija-lhe as mãos uma grande pecadora.»

Mais 300\$ do Casal assinante 28502. Dez vezes mais e este dom de liberdade:

«Envio-lhe hoje — dia em que faço muitos anos de casado — a primeira remessa e procurarei depois, aos poucos, completar a verba necessária.

Nenhuma indicação queria dar sobre a localização ou o destino da casa. Que ela venha a edificar-se onde for mais precisa e possa satisfazer necessidade mais instante.



Lourenço Marques

NOTA DA QUINZENA

Aqui estamos novamente a dar contas do que nos dão; mas as verdadeiras contas são as que Deus faz. Nunca julgamos que é pouco ou muito porque temos a certeza que é Deus que move os corações e as vontades. E por isso nem nos deslumbramos quando na hora exacta aparece o necessário; nem nos afligimos demasiado quando falta.

De uma beirense recebemos roupas e cortinas, contribuição para o arranjo da nova casa. No mesmo dia duas embalagens com candeeiros. Do Chibanza uma vaca que nos presenteou, passados dias, com um vitelo e algum leite saboroso. De Xinavane, ainda, quinhentos escudos.

Da menina Terezinha uns brinquedos e lápis da escola para um dos nossos. Mais uma vitela de Goba. Mil escudos de um Despachante oficial muito amigo. As prestações mensais de Cruz da Beira. A sua Terra quase nos esqueceu, mas fazemos conta de brevemente ir a dar um abanão.

Dos Empregados da «Permar» 275\$00. Mais trezentos de visitantes e uma caixa de Pronutro para o nosso café. Mais visitantes com cem e rebuçados, e um pacote de roupas. Uma viola dum sr. do Barclay's Bank. O donativo mensal de 50 quilos de arroz de Santos Gil e vinte de massa da Matola, com um saco de farinha de milho.

Mil de uma senhora e uma mala com livros e uma toalha de altar de outra na mesma casa. Malas e roupa da Av. A. Enes e 31 de Janeiro. A visita semanal de uma Senhora com sua Mãe que vêm tratar as nossas roupas e que nos seus tempos livres têm andado a procurar colaboração para a nossa Obra. Duma vez trouxe 1.560\$, mas já não tem conta, o que mais tem vindo. Um par de sapatos novos. Roupas e 400\$ de visitantes.

Do 61 da General Rosado, livros e mobília para o quarto do nosso chefe e mais uma cama e colchão doutro lado para o mesmo. Da Sr.ª da Farmácia Normal, onde sempre todos estão prontos a receber assinaturas, embrulhos ou recados, 500\$00.

Temos a agradecer também o trabalho de dois tractores dos Serviços de Agricultura que aqui andaram enquanto não tínhamos. Da Fasol a costumada contribuição de 20 L. de óleo, um saco de farelo e 2.500\$00 mensais.

Várias carradas de pedra do Vergueiro, enquanto o nosso camião pôde andar. E por camião já me ia esquecendo do melhor. É que ele está quase como novo. Senão vejamos: De pneus já aqui foi dito. Agora baixou à Auto-União onde lhe abriram o motor e a caixa de velocidades. Tudo isso foi a rectificar na Auto-Vianense; as peças novas foram dadas pela Casa Acessórios de Automóveis e não foram poucas! O tubo de

escape e a renovação de dois feixos de molas foi com a Auto Metalúrgica, donde trouxemos ainda duas máquinas de fazer blocos. Finalmente a Auto Comercial está a fazer a renovação de chassis e um arranjo geral ao resto. Tinha uma história longa mas anónima o nosso camião. Agora quantos lhe podem chamar seu! A sua nova história é feita de actos de caridade, alguns bem grandes, pois este conserto ia para mais de 50 contos. E quão prestável nos vai agora ser! Quanto não vai ele acarretar para a nossa Aldeia que ansiamos começar a construir. Areia da Sofil está à disposição, pedra no Vergueiro também. Assim tivéssemos o cimento. Bem sabemos o caminho da Fábrica. Já de lá vieram, para o nada que temos feito, mais de dois mil sacos. Mas com o dinheirinho à frente. Todavia temos fundadas esperanças de ser atendidos. Que Deus a todos ajude também.

Padre José Maria

São a passar de vinte os que actualmente vendem O Galato no Porto cidade e vilas limítrofes. Cada venda traz-nos um quantitativo em dinheiro de perto dos seis mil escudos. Em jornais são aproximadamente cinco mil os que vão para as mãos dos leitores.

Todavia, isto não é certo, note-se. Umaz vezes mais, outras menos. Mais diria, são como um carrocel de subidas e descidas que, ao elevar-se muito devagar, o faz, reciprocando, ao descer, com um aumento de velocidade bastante considerável.

Uma baixa, quando consciencializada, obriga-os a despertar e a sair desta «cera» mais do que espalhada. Foi o que aconteceu com os nossos vendedores.

Passaram-se umas quinzenas e um aumento gradual de umas para outras foi a olhos vistos.

Podemos recalcar então o velho ditado: «quando se quer, tem-se e quando mais se tem mais se quer». Quiseram agora uma camisola amarela para o melhor vendedor, coisa a que

o Sr. P.e Abraão acedeu e que ele próprio a vai comprar. E nesta ansia de andarem de amarelo chegaram a afirmar: «quem baixar vai à pia, quem subir será louvado».

Mas uma pergunta sempre oportuna:

Poderão os nossos vendedores obter os seus ideais, porque eles querem e querer é poder, se a sociedade desaprova dar-lhes Amor? Se a mesma os não quer receber nem beber da fonte d'Ele contido nas simples mas exuberantes páginas de O Galato.

Eles são pequenos, necessitam dum afago vosso, duma consolação que lhe dê.

Mas que quer este que lhes demos? Perguntam, quicá alguns dos leitores.

A consolação não está no dar de um bolo, de um gelado ou mesmo até de um almoço que lhes ofereçais por filantropia. Está sim, na compra daquelas páginas carregadas d'Ele. Mas quem o não tem, nem o quer receber rejeita-O e vomita O Galato.

Todavia eles gostam de bolos, gelados, chocolates e demais iguarias, mas gostam delas quando as mãos lhas dão, por amor, ficando com o Famoso.

Tomemos este estudante universitário como modelo de quem sabe receber e dar.

Vejamos o que ele nos diz numa carta dirigida ao Sr. P.e Abraão:

«Desejo-lhe muitas felicidades e a todos os rapazes que o rodeiam.

Zé Manuel (o vosso Zé Padeiro) mostrou-se um pouco preocupado no domingo quando por cá passou. Notei que essa preocupação provinha duma dúvida de V. sobre a origem duns chocolates que às vezes lhe dou.

Os miúdos são muito educados, alegres, e é com satisfação que os recebemos nas suas visitas quinzenais.

Os seus miúdos são tomados como amigos mais novos. Sempre que tenho qualquer coisa própria da idade deles ofereço-lhas.

Nas suas visitas quinzenais, recebe-os como amigos, dá-lhes coisas próprias da idade deles. Mas fá-lo-á assim toda a gente?

Nós vo-lo pedimos e que em troca daquilo que eles vos dão, coisa íntegra e amada, lhe dê também algo para que eles saiam da vossa beira contentes e felizes por assim serem amados.

É tudo.

Alvaro Henriques

ACUSO

alguém do seu sangue que reconhecemos manifestamente incapaz de fazer dele um homem.

É desta condição o nosso «Pêga», de seu nome de Baptismo Jorge José, natural de uma anónima aldeia transmontana. Filho de um homem que tem hoje oitenta e tantos anos e de uma mulher de vinte e tal, pequenino ficou sem a mãe, que se foi para a Capital atrás de outro homem. Não tinha pois

ninguém, quando as forças-vivas da sua paróquia se interessaram por ele até lhe conseguiram entrada na Casa do Galato.

Veio. Cresceu. Franzino, no entanto, mas não de inteligência, chegou à 4.ª classe aos 10 anos (coisa rara entre nós!) e foi-nos indicado, logo ao começar o ano lectivo, como o mais capaz daquele curso para seguir estudos.

Eis senão quando, surge a Avó, personagem que até então não entrava na história. Veio vê-lo e roubou-no-lo. Apenas soubemos por outros pequenos da mesma idade que ela dissera que o neto ia fazer a 4.ª classe e depois já podia ganhar algum. As saudades que a fizeram vir por ele!

Pusemos a caso em Tribunal. Instruímo-lo com informações actualizadas das forças-vivas da paróquia natal do nosso «Pêga». Tudo tal qual quando da sua vinda para nós: — Que o Pai queria que ele regressasse, mas a Avó levava o pequeno para outra terra e o Pai não tinha capacidade para se impor.

Um caso claro, evidente, de exploração!

Pois o processo foi arquivado!

Se nos levassem um banco da cozinha, teríamos ganho a causa, por abuso de confiança

de quem o levava. Agora um Rapaz!...

Isto vai fazer dois anos.

Há dias lembrei-me do «Pêga», que poderia ter acabado agora o 1.º ano de uma Escola Secundária. Escrevi ao Pároco. Eis:

«Respondendo à carta de V. de 6 do corrente, sou a informar que o pequeno Jorge José, fez exame da 4.ª classe o ano passado e agora encontra-se junto da tal avó, que o traz a trabalhar nesta freguesia como moço de lavoura, ganhando assim alguns escudos para a tal avó, pois o pai, Adão José, acha-se actualmente internado no Albergue de Mendicidade em Vila Real. E é tudo.»

Assim se cura dos portugueses de amanhã!

Que julgará o «Pêga» quando já fôr capaz de entender tudo isto?!

Visado pela

Comissão de Censura



Accidental

DONZELA
BRINCANDO
AO LENCINHO,

— Ó ALMA SINGELA,
QUE LUZENTE ESTRELA
TE GUIE O CAMINHO...

SIMPLES — COMO O LUAR CONVALESCENTE...
MEIGA — COMO A AURORA MATINAL...
QUE SEJAS, A EXALAR AROMA ARDENTE
QUAL DIVA ROSA EM PLENO ROSEIRAL!...

Paço de Sousa, Agosto de 1968

SANTOS SILVA

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE COIMBRA

No regresso das actividades escolares, por várias vezes tive o ensejo de passar e me demorar alguns momentos, mais ou menos extensos, no nosso Lar. Por isso, foi-me dado observar a azáfama com que se constrói o novo edifício que, dentro de pouco tempo, se Deus quiser, há-de substituir o antigo, donde tantos rapazes têm saído já e que são hoje valores positivos, dentro da sociedade que outrora os rejeitara.

Mas, ao lado da azáfama dos construtores, evidente pelo estado adiantado das obras, constata-se também a inquietude que reina entre os nossos inúmeros amigos conimbricenses e não conimbricenses, desde que demos início à construção, têm-se apressado, das mais diversas formas, desejosos de nos ajudarem.

Revelou-se-lhes o sonho, já antigo: deus parte do empreendimento, começado no adequado momento e logo os homens de boa vontade o fizeram seu e procuram, connosco, torná-lo realidade.

Com efeito, tem sido animadora a solicitude dos técnicos que se encarregaram do plano e construção. A ajuda do Senhor Presidente da Câmara tem sido também preciosa. O número de donativos que nos têm chegado é grande, bem como o de promessas, com que já contamos, e muitas outras manifestações de interesse e de estima mantêm-nos animados. Na verdade, muitos têm procurado saber onde é, se já começámos, como vai ficar o nosso Lar, etc., etc. Coimbra inteira (e não só Coimbra) vive intensamente a construção do novo Lar do Gaiato de Coimbra, sinal de que os nossos amigos têm a Obra da Rua como sua, como sendo de todos e não de uma pessoa ou entidade particular.

Para mim, que, como tantos outros, muito devo ao nosso Lar, é uma grande alegria ver como as paredes crescem a olhos vistos. Nestes últimos dias o bulício tem sido redobrado, pois a construção da primeira placa assim o exigia. Graças à generosa diligência que todos puseram neste trabalho, foi possível fazer uma breve pausa nas obras para que todos pudessem beneficiar de alguns dias de praia. Baldes, bacias, gamelos e tudo o que pudesse servir para o efeito, andavam em incessante vai-vem, cheios de cimento, que os rapazes ora enchiam ora despejavam. Mais parecia um formigueiro em plena labuta de armazenagem.

Os nossos estudantes, agora em férias, trocaram as matérias escolares pelas materiais de construção e os que trabalham, ao chegarem dos seus empregos, também ajudam, no que é necessário, sempre generosos e felizes.

Só assim tem sido possível avançar em tão bom ritmo; de modo que, em cada dia, se vê o edifício tomar forma.

Muitos dos rapazes que estão construindo o novo Lar, pois são só três os homens assalariados, poderão vir a ocupá-lo, quer estudando, quer empregando-se na cidade, enquanto que os actuais ocupantes farão uma simples mudança da casa velha para a nova que ao lado se ergue.

Como eles não-de amar o seu Lar!... E quantos valores, mais positivos ainda, o Lar vai continuar a dar à sociedade!...

Cremos bem que o novo Lar irá frutificar muito mais do que até aqui, não só em quantidade, mas também

e sobretudo em qualidade. Como Lar há-de gerar muitos filhos da Obra para Deus e para a Pátria, homens autênticos; mas como isso não é tudo, dele não-de sair também santos, pois as nossas Casas foram instituídas para serem «Santuário de Almas».

Amigo, faze teu o nosso Lar e terás a alegria «que nos vem de vivermos como irmãos».

Carlos Manuel

BENGUELA

Estimados leitores: Mais uma vez está nas vossas mãos a sempre tão simpática crónica de Benguela.

O número dos nossos Rapazes aumentou. Ainda há bem pouco tempo éramos à volta de uns 75 Rapazes e presentemente, se não estou em erro, somos 90.

Neste últimos meses tem sido uma coisa fantástica quanto aos inúmeros pedidos de mães, de senhoras e senhoras, pedidos estes que algumas vezes têm que ser rejeitados, não porque não tenhamos vontade que os Rapazes entrem, mas sim porque nos é impossível, devido às condições em que ainda nos encontramos. O que deu origem a que este grupinho de Rapazes entrasse foi a nossa Casa-Mãe estar pronta, a qual nos facilitou uma grande arrumação de camaratas nas velhas instalações. Este breve apontamento tem um grande significado porque muita gente é capaz de fazer juízos temerários sobre alguns casos rejeitados devido à nossa impossibilidade.

x x x

BANANAS — É sempre com muita alegria que recebemos a notícia de um embarque de bananas, mas nem tudo são rosas, como diz o nosso Povo e é verdade! De quando em quando há um atraso das caixas de cartão que vêm de Luanda, mas nem por isso deixa de haver ordem e nestes casos tudo trabalha, desde o mais pequeno ao maior. São uns a formar a embalagem, outros a colar e ainda outros a pôr rótulos que têm esta inscrição: «Banana da Casa do Gaiato de Benguela». Enfim todos este trabalho é compensado em alegrias.

x x x

BATATAS — Este ano, se tudo correr como esperamos, vamos ter mais sorte com a nossa batata. Já colhemos alguma e não há dúvida que é toda boa.

António Augusto

Lar do Porto

«Quem bem faz a cama, bem se deita nela». Consoante a maneira de empregarmos este provérbio sempre ele actua com um poder significativo determinante. Eu diria nesta co-

luna: Quem estuda sabe. Digo: quem estudou durante um ano lectivo, muito se regalará com o resultado obtido no fim do ano.

Bem; mas agora inquirio: Poder-se-á estudar sem que primeiro se tenham adquirido bases para fazer esse determinado estudo, sem que o professor, ou professora, emita ao aluno tópicos indispensáveis para a realização daquele?

E que assimilarão aqueles de positivo, quando o professor se lhes não manifesta?

Isto, amigos leitores, aconteceu cá em casa num total de seis meses, nada mais nada menos que o primeiro e segundo períodos. Uma professora, não sei de onde, marcou pelas ausências e deixou uma primeira e segunda classes bastante atrasadas.

Ante, que tudo fôsse por água abaixo, lançou-se a boia salvadora àquelas que ainda eram salváveis. Vieram então duas professoras que procuraram levar a cruz ao calvário empunhando ali o melhor do seu esforço.

Os exames da quarta classe foram, este ano, em Penafiel. Sorridentes, um sorriso cheio de certeza, pastas de papel debaixo do braço com os demais utensílios, ei-los, muito senhores de si, a caminho da já mencionada cidade.

Podemos resumir o trabalho deles numa breve palavra: êxito. Sim, foi um êxito verdadeiramente louvável.

E quem foi a causa número um de plantaço humana tão rendosa? Era uma injustiça se o esquecêssemos: o nosso muito querido e estimado Professor; que incidiu sobre os seus educandos todo o seu esforço, dedicação e amor.

Parabéns, rapazes. Parabéns senhor Professor.

Está em perspectiva a fundação de um posto de tele-escola cá em casa, a qual, se o Senhor o permitir, entrará em funcionamento no próximo ano lectivo. Será mais um passo em frente na formação intelectual da rapaziada que não tem oportunidade de ir até à cidade.

No que respeita a estudantes que vivem no Lar, a coisa não foi má, mas poderia ter sido melhor.

Os rapazes estiveram dispersos por vários estabelecimentos de ensino nos liceus e escolas técnicas.

Quem semeou, colheu; quem titubiu em semear, pouco ou nada arrecadou. Já que estamos a tratar de estudantes, aí vai o meu voto de louvor para todos os que semearam e colheram, e uma incitação para que os demais não sucumbam ante a má colheita.

Alvaro Henriques

Paço de Sousa

Não resisti a escrever para «O Gaiato»! Ninguém me disse nada a este respeito; tomei a iniciativa para defender uma causa justa, minha e dos meus colegas. Qual a causa? É simples. A maioria dos nossos Amigos quando falam connosco, têm sempre o *coitadinho* na boca; *coitadinho* para aqui, *coitadinho* para acolá; enfim, uma série de *coitadinhos*. Pois não acho justo. Embora pobres, não nos falta nada, graças a Deus. Porque motivo é que havemos de ser *coitadinhos*? Somos jovens que, embora antes rejeitados pela sociedade, não perdemos o gosto pela vida. Trabalhamos para mais tarde sermos valores úteis à sociedade que nos repudiou. Queremos que os nossos Amigos nos amem verdadeiramente, que não tenham simples e unicamente dó.

Não sou o primeiro a bater nesta tecla; vários dos nossos padres já vo-lo disseram mais que uma vez. Mas penso que pregaram, como S. António, aos peixinhos, o que não é justo.

Pensai que estarias na nossa situação... Costarias que tivéssemos uma compaixão doentia por nós? Vos tra-

tassem por *coitadinhos*? Claro que não; todos queremos ser amados, mas sem aquela piedade piegas que nos *entristece*. Não nos tires a alegria, pois trabalhamos para sermos homens úteis à sociedade, e temos tantos que, se não fôsse esta Casa, odiariam aquela.

Porquê ladrões, assassinos e mais viciados? Porque não tiveram quem os amasse enquanto jovens, porque viveram rodeados de vícios.

x x x

Partiram mais dois dos nossos com destino às nossas Casas de África. Como sempre, houve almoço de despedida, onde reinava a alegria e a boa disposição. No final da jantada, os habituais discursos, feitos por alguns dos nossos mais velhos, desejando em nome de todos, as maiores felicidades e muita saúde, a mais estes dois que vão amar os nossos irmãos de cor. Estes, que vindo de cumprir o serviço militar nas nossas Províncias Ultramarinas, onde notaram a falta de amor, partem para lá novamente, não para metralhar, mas sim para amar. Tudo o que lhes posso desejar, é que tenham confiança em Deus, pois os frutos virão por acréscimo.

x x x

Praias. Banhos. Não se fala noutra coisa. Mas quem pode tomar banho na praia sem calções? Ninguém. Pois calções é o que nos falta. Leitor que vai para férias, e deve ter calções de banho, ouça o nosso apêlo. Console-nos. Se tem uma casa de fazendas, também deve ter calções deformados. Não importa. Para nós que somos pobres, servem perfeitamente. O pobre contenta-se com pouco. Contamos convosco. Não nos deixem por servir! Desde já vos ficamos obrigados.

Manuel António

CALVÁRIO

CONTACTO... — Encontra-se entre nós um Padre francês para aprender um pouco a Língua portuguesa assim como algo da vida da nossa gente de lavoura. Trabalha no território gaulês junto dos emigrantes lusos. E tem levado esse contacto ao ponto de trabalhar com os rapazes e pessoal que lidam na nossa quinta de Beire. Sujeitou-se ao tempo e às consequências de lidar de sol a sol a ponto de já ter uma ligeira constipação. Os nossos compatriotas, depois deste embora curto contacto mais directo com o nosso meio, poderão ser mais facilmente compreendidos. Entre nós existe essa convicção ao verificar a grande vontade que o sr. Padre Roger tem em aprender o modo mais eficaz para dialogar.

x x x

ANIVERSARIOS — Não deve haver mortais por mais pobres de beng que não gostem de recordar este ou aquele aniversário que tenha marcado o nascimento ou outra data qualquer...

Mas os aniversários que queremos referir não são de coisas banais... mas sim o começo de algo a que a sociedade andava alheia, aparente ou realmente. No dia 12 de Julho de 1956 Pai Américo benzeu a Capela da comunidade juvenil da Casa do Gaiato de Beire. No dia 14 do mesmo mês e ano foi o começo do fim terreno da semente fecunda que havia de germinar, como os nossos amigos têm tido ocasião de verificar nestes 12 anos passados. Ora o Calvário é uma dessas germinações. Completado o primeiro ano da ida de Pai Américo para junto daqueles que na terra combateram o «bom combate», o Calvário abria as portas a outra comunidade. De quem se trata já o sabeis.

Pois os testemunhos descritos no jornal já têm sido prova concludente. São 11 anos de vida. Recordar... para os homens de boa vontade. Assim é. Nada mais. Pois os anseios são os mesmos desde a primeira hora. «Que Deus nos ajude ainda mais... mas ao menos tanto como até aqui!» Dizia alguém. Fazemos nossas as palavras ditas pelo nosso Padre nesse dia na Santa Missa.

Manuel Simões

Azurara

Estão a acabar as férias do segundo turno. Os rapazes andam na azáfama da limpeza da casa, para que o terceiro a encontre em condições.

Chega quarta feira. A malta fica um pouco triste, pois bastou quinze dias para ganharmos amor àquela casa.

Uns perguntaram assim: «Como é que o que é bom acaba depressa?» Porém, ninguém encontrou resposta!

Tem de ser assim! Nós vamos para dar lugar a outros que também merecem descansar tanto como nós.

Este ano tocou-me a vez de ir no segundo turno, pelo que gostei muito.

O tempo estava tão bom, que por vezes a areia queimava. Só tínhamos vontade de estar sempre debaixo d'água!

O comer é que foi um problema... Só podíamos contar com as receitas da venda do jornal em Vila do Conde e na Póvoa do Varzim; e como as coisas vinham da praça, tivemos mesmo que apertar o cinto...

Graças a Deus, ninguém passou necessidade; mas com um mar tão bom, rio e pinhal, o apetite era permanente!

Espero que o terceiro turno tenha mais sorte neste aspecto, assim como também na venda do jornal «O Gaiato», pois dele depende a magreza ou a abundância da nossa mesa; e desta vez estão cá os «batatinhas» que precisam de muita e boa comida!...

Defensor de Jesus



O moto-cultivador em acção, na quinta de Paço de Sousa.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE